

**O TABUÍSMO EM DESIGNAÇÕES
QUE NOMEIAM A PESSOA
QUE TEM DIFICULDADE DE APRENDER AS COISAS**

Vanessa Cristina Martins Benke (UFMS)
vcmbenke@hotmail.com

RESUMO

Segundo Rosário Farâni Mansur Guérios (1979), existem diferentes tipos de tabus, dentre eles, situam-se as palavras-tabu (que não devem ser proferidas). Essas, por seu turno, podem ser classificadas como do tipo “impróprio”, quando se referem à proibição de mencionar qualquer expressão imoral ou grosseira, estando, portanto, relacionada ao domínio *moral* ou do *sentimento*. Nesse contexto, este trabalho discute o fenômeno dos tabus linguísticos nas designações coletadas para o conceito “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, do Questionário Semântico-Lexical (QSL 137), do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB), vinculada à área semântica *ciclos da vida*. Os dados aqui examinados são um recorte dos resultados da pesquisa de Mestrado desenvolvida, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), por Vanessa Cristina Martins Benke (2012), que investigou o léxico dos habitantes das capitais do Brasil, com foco na questão dos tabus linguísticos, a partir de dados geolinguísticos extraídos do Banco de Dados do Projeto ALiB. A pergunta selecionada documentou 50 designações para o conceito em pauta, das quais as mais produtivas foram: *burro/variantes* (47,7%), *rude/rudo* (10,6%), *lento/lerdo* (5,65%), *retardado* (2,83%) e *analfabeto* (2,5%). O estudo baseou-se na análise semântico-lexical e diatópica das variantes auferidas, bem como na investigação de aspectos concernentes aos fatores sociais que influenciaram na escolha lexical do grupo investigado. Assim, os dados analisados revelaram aspectos diageracionais, já que houve uma tendência de conservadorismo linguístico, expresso pelo uso da forma *rude*. Por fim, a pesquisa demonstrou que o conceito “a pessoa que tem dificuldade em aprender as coisas” configura-se como um tema tabu.

Palavras-chaves: Léxico. Tabus linguísticos. Capitais brasileiras. Projeto ALiB.

1. Considerações iniciais

Cada civilização é constituída por um conjunto de elementos: sociais, morais, culturais, históricos, geográficos, que por seu turno, influenciam na maneira como o povo vê e concebe a sua realidade. E, nessa perspectiva, a língua reflete a cosmovisão de uma civilização: “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas”. (BIDERMAN, 2001, p. 109)

Nesse particular, o léxico é o nível da língua que melhor representa a cultura, as crenças, os valores e a história de uma sociedade, de mo-

do que as transformações ocorridas são manifestadas nesse elemento linguístico, dado o seu caráter dinâmico. Acerca disso, Aparecida Negri Isquierdo (1996, p. 93) pondera que o léxico de uma língua conserva “uma estreita relação com a história cultural da comunidade, uma vez que registra as diferentes mutações ocorridas na sociedade, enfim, as diversas formas de conhecimento que nela se instauram”. Isso se explica porque “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. (BIDERMAN, 2001, p. 179)

Sendo assim, o léxico apresenta “pistas” do contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade linguística. Sobre a relação entre a palavra e a visão de mundo de uma civilização por ela revelada, Matoré (1953, *apud* ELIA, 1987, p. 73) assegura que “a palavra-testemunha concretiza um fato de civilização típico para a compreensão da forma de pensar de um povo em certa fase de seu vir a ser no mundo. Está ligada ao meio social de onde emerge”. Partindo, pois, desse princípio, pode-se inferir que o léxico desempenha o papel de testemunhar a realidade que circunda um grupo sócio-linguístico-cultural.

Nessa perspectiva, ao discutir acerca do processo de aquisição e do armazenamento do vocabulário pelo falante, Maria Tereza Camargo Biderman (1994) argumenta que o vocabulário de um indivíduo reflete todo o conhecimento adquirido ao longo de sua vida: “[...] a realidade física e o universo cultural percebidos e apreendidos pela pessoa são transformadas em conhecimento, codificado linguisticamente e etiquetado em forma de *palavras/lexemas* [...]”. (BIDERMAN, 1994, p. 848)

Tendo em vista, portanto, que a língua – um patrimônio social – “classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança social, como a cultura e a estrutura da sociedade” (BIDERMAN, 2001, p. 13), é de se considerar que fatores de natureza extralinguística contribuem significativamente para o estudo de uma língua. Sobre isso, Fernando Tarallo (1986, p. 62) assegura que “é somente através da correlação entre fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que é constituída”.

Portanto, essa relação entre língua e sociedade evidenciam, portanto, o caráter de interdependência entre esses elementos, posto que a realidade sociocultural de uma civilização se constitui por meio da língua e a sociedade, nesse contexto, desempenha também papel ativo no pro-

cesso de nomeação dos referentes que circundam a sua realidade social. A conexão entre “visão de mundo” e “língua” foi defendida pela chamada *hipótese Sapir-Whorf*, comumente associada à tese do *relativismo linguístico*, que “combina determinismo linguístico (“a linguagem determina o pensamento”) com relatividade linguística (“não há limites para a diversidade estrutural das línguas”). (LYONS, 1987, p. 276)

O princípio do “relativismo linguístico” proposto por Edward Sapir (1969, p. 20) postula que a língua é um guia para a “realidade social”, sendo assim impossível um indivíduo se ajustar à realidade sem o seu auxílio, de modo tal que, ao apreender qualquer fenômeno inerente a sua realidade, o falante vale-se da linguagem, já que, para Whorf (1956, *apud*, BIDERMAN, 2001, p. 111), “o mundo é apresentado num fluxo caleidoscópico de impressões que têm que ser organizadas por nossas mentes – e isso significa, em grande parte, pelo sistema linguístico em nossas mentes”.

Partindo desses pressupostos, este trabalho tem como objetivo investigar o léxico dos habitantes das capitais do Brasil, com ênfase para a questão dos tabus linguísticos, a partir de dados geossociolinguísticos buscados na base de dados do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB). O estudo busca, ainda, apurar influências de natureza extralinguística (aspectos sociais, culturais, históricos e geográficos) nas nomeações para a “pessoa que tem dificuldades para aprender as coisas” (QSL 137). Os dados aqui examinados recuperam parte dos resultados obtidos na pesquisa de Vanessa Cristina Martins Benke (2012)¹⁷⁸, que examinou o léxico dos habitantes das capitais brasileiras, com destaque no fenômeno dos tabus linguísticos. Tendo em vista a natureza do *corpus* selecionado e a perspectiva de análise adotada para a pesquisa, buscou-se respaldo teórico-metodológico na linguística, em especial, na lexicologia, na semântica e na dialetologia/geolinguística, além de fundamentos em áreas afins como a antropologia, a sociolinguística e a etnolinguística.

¹⁷⁸ Dissertação de Mestrado *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*, defendida na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS (2012), sob orientação da professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo.

2. Os tabus linguísticos: traçando alguns pressupostos

Conforme Rosário Farâni Mansur Guérios (1979, p. 6), o tabu linguístico “é uma modalidade do tabu em geral, ou é um prolongamento dos demais tabus”. Trata-se de um fenômeno universal, mas que se diversifica conforme a comunidade, à medida que a percepção do tabu varia de uma comunidade para outra. Assim, certos tabus linguísticos podem ser de caráter temporário: “em geral, os vocábulos tabus ou tabuizados não chegam ao completo desaparecimento; mais frequentemente permanecem, quer sob a forma de derivados, quer como deformados sob vários aspectos”. (GUÉRIOS, 1979, p. 6)

Os tabus linguísticos, portanto, remetem as palavras que, segundo crenças arraigadas em determinadas sociedades, são dotadas de algum poder sobrenatural e se proferidas podem evocar alguma desgraça. Nesse caso, a palavra tabu não é mencionada e quase sempre é substituída por outra desprovida de “poder sobrenatural”. Sobre isso, Rosário Farâni Mansur Guérios (1979, p. 1) atesta que “as palavras exteriorizadas podem ter forças sobrenaturais benéficas ou malélicas, porém há palavras que não devem ser exteriorizadas, a fim de se evitarem malefícios dos mesmos poderes. Estes vocábulos são tabus”.

Entretanto, os tabus linguísticos podem ser decorrentes de aspectos referentes à vida social como questões de pudor ou decoro ou até mesmo de normas ditadas pela sociedade. Assim, condicionada por esses aspectos, a proferição de certas palavras é evitada com o fim de não causar desconforto ou ofender a outrem. Isso fica evidente, por exemplo, quando um falante ao designar a “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas” opta pela forma linguística *rude*, que possui carga semântica eufêmica, ao invés de *burro*, que se configura como uma forma pejorativa

Isso referenda a tese de Eugenio Coseriu (1982, p. 71) de que o tabu linguístico não está associado somente ao campo das superstições, mas também de outros aspectos sociais e morais: “várias outras razões de índole emotiva ou social; razões de educação, cortesia, boas maneiras, decência, amabilidade etc. Evitam-se expressões e palavras que se consideram demasiadamente cruas ou descorteses, ou indecentes”.

Em consequência dessas proibições vocabulares, o indivíduo falante lança mão de diferentes recursos de substituição no intuito de amenizar a carga semântica contida na palavra tomada como tabu, dentre eles, o eufemismo: “na maioria dos casos, embora não em todos, a pala-

vra tabu será abandonada e introduzir-se-á um substituto inofensivo, um *eufemismo* do grego *eu* “bem” + *pheme* “falar”. (ULLMANN, 1964, p. 426)

Existem diferentes recursos linguísticos dos quais os falantes utilizam como formas substitutivas da palavra tabu. Rosário Farâni Mansur Guérios (1979, p. 14-16), por exemplo, destaca o sinônimo, o disfemismo, o diminutivo, a deformação fonética do vocábulo, o uso de arcaísmo, entre outros. Levando em conta os diferentes recursos de substituição da palavra tida como tabu, Eugenio Coseriu (1982, p. 69) considera que os tabus linguísticos facilitam a difusão de criações metafóricas.

Nesse particular, vale destacar que o conceito a “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, referente ao QSL 137, selecionado para este estudo, registrou diferentes nomes de animais que metaforicamente designaram a pessoa “pouco inteligente”, dentre eles, o *burro* demonstrando, portanto, uma valorização cultural de cunho negativo adotada por uma civilização a determinados animais, evidenciando, assim, sua visão de mundo¹⁷⁹. Nesse estudo, adotamos a concepção de metáfora defendida por Ernst Cassirer (1972, p. 104-105), isto é, a que consiste na substituição de um termo por outro, baseada numa relação de contiguidade entre o termo denotativo e o conotativo.

Vale destacar, no tocante aos tabus linguísticos, que eles se classificam em diferentes tipos. Essa classificação é estabelecida por Rosário Farâni Mansur Guérios (1979) e Stephen Ullmann (1964). Rosário Farâni Mansur Guérios (1979, p. 5) propõe dois tipos: *próprio* e *impróprio*. O primeiro refere-se à proibição de proferir determinadas palavras, às quais, dependendo da cultura, se atribui poder sobrenatural, e que, uma vez proferidas, podem causar desgraça ou infelicidade ao indivíduo que as mencionou, estando, portanto, relacionado às crenças que povoam o imaginário popular. Já o segundo tipo, o *impróprio*, diz respeito à proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira, ou seja, está relacionado à moral ou ao sentimento.

Stephen Ullmann (1964), por seu turno, propõe três tipos de ta-

¹⁷⁹ Dobrovol'skii e Piirainen (2000, p. 31-32) estabelecem, no tratamento das metáforas, dois aspectos: o “particular” e o “universal”, esclarecendo que esse recurso da língua baseia-se principalmente em “condições prévias universais (a habilidade humana geral de conceituar o mundo em termos de experiência direta)” (TN).“Todavia, esses estudiosos ponderam que alguns fenômenos não podem ser interpretados a partir do conhecimento geral, universal, mas antes pelo aspecto cultural, a partir de convenções sociais e culturais já determinadas.

bus: 1) *o tabu de medo*, que está relacionado aos seres sobrenaturais como, por exemplo, a pronúncia do nome de Deus e do nome do diabo; 2) *o tabu de delicadeza*, que se refere diretamente a assuntos desagradáveis como doenças e morte; 3) *o tabu de decência*, ligado ao sexo, a certas partes e funções do corpo humano e aos juramentos (ULLMANN, 1964, p. 426-427). Neste trabalho, nos deteremos no tabu linguístico *impróprio*, consoante Rosário Farâni Mansur Guérios (1979) e tabu de *delicadeza*, conforme Stephen Ullmann (1964).

3. *Apresentação e discussão dos dados*

O *corpus* deste estudo foi obtido junto ao Banco de Dados do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB), com entrevistas realizadas nas 25 capitais do Brasil¹⁸⁰. Foram analisadas neste estudo as respostas mencionadas pelos informantes para a questão 137 do Questionário Semântico-Lexical – “a pessoa que tem dificuldade para aprender as coisas”¹⁸¹, do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB (2001), vinculada à área semântica *convívio e comportamento social*. Examinar o léxico dos habitantes das capitais do Brasil fornecem subsídios para compreender não apenas o aspecto linguístico, como também da realidade sociocultural, histórica e geográfica que contemplam a realidade de um povo, nomeadamente, dos habitantes de grandes centros urbanos.

No conjunto das 25 capitais pesquisadas, o conceito a “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas” (137/QSL) catalogou 50 designações¹⁸²: *analfabeto, anta, atrasado, besta, broco, burro/variantes, cabeça*

¹⁸⁰ Para fins de coletas de dados, o Projeto ALiB obedece aos seguintes critérios metodológicos, no que tange ao perfil dos informantes: (i) idade: 18-30 e 50-65 anos; (ii) sexo: masculino e feminino; (iii) escolaridade: ensino fundamental e superior (capitais) e ensino fundamental (capitais e interior); (iv) naturalidade: nascidos e criados na localidade pesquisada e com pais também naturais da mesma região linguística.

¹⁸¹ Os resultados obtidos por Vanessa Cristina Martins Benke (2012) tiveram início com o desenvolvimento do trabalho de Iniciação Científica: “Em busca do léxico do português do Brasil documentado pelo Projeto ALiB: um estudo sobre tabus linguísticos”, que analisou as respostas para as perguntas 128 a 135 (*ciclos da vida*) e 136 a 142 (*convívio e comportamento social*), de entrevistas realizadas nas três capitais da região Centro-Oeste.

¹⁸² Os dados aqui discutidos foram armazenados no Banco de Dados “Agium Search”, desenvolvido com o fim de trabalhar com dados geossociolinguísticos, pelo Analista de Sistemas Wallace Marins do Nascimento, especialmente para a dissertação de Mestrado de Marins (2012) e aproveitado para a pesquisa de Vanessa Cristina Martins Benke (2012).

dura, cabeçudo, cavalo, débil, deficiente, déficit cognitivo, desatento, despercebido, devagar, difícil, displicente, energúmeno, excepcional, ideia fraca, idiota, ignorante, imbecil, incompetente, jegue, jumento, lento, lerdo, leso/lesado, limitado, moco, não ter sabedoria, pamonha, paspalho, ter problema de aprendizagem, problemático, QI baixo, raciocínio lento, repetente, retardado, retardatário, rude/rudo, ruim da memória, ruim do juízo, tanso, tapado, tem dificuldade, tem problema, terça-feira e tonto.

A significativa documentação de designações permitiu organizá-las em categorias semânticas: psíquica, pejorativa, eufêmica, metafórica, neológica. Seguem alguns exemplos:

*psíquica: *débil, deficiente, déficit cognitivo, QI baixo;*

*pejorativa: *anta, besta, idiota, jegue, jumento;*

*eufêmica: *desatento, despercebido, não tem sabedoria, rude/rudo;*

*metáfora: *besta, cavalo, pamonha, jumento*

*neológico: *terça-feira*

Importante ressaltar que algumas designações se classificam em mais de uma categoria semântica. É o caso, por exemplo, das pertencentes à esfera “psíquica”, isto é, aquelas designações registradas pelos dicionários consultados, como do ramo da medicina (psiquiatria). Exemplo disso é a unidade lexical *imbecil* que, embora definido na acepção “um indivíduo com retardo mental”, com rubrica da psiquiatria, configura-se, por extensão, como uma designação com carga semântica ofensiva, denotando, portanto, um xingamento. As designações de caráter metafórico, em sua maioria, apresentaram também carga semântica depreciativa, haja vista a referência majoritária a animais nesse processo metafórico. Já as designações categorizadas como eufêmicas reportam-se àquelas que não se configuram como xingamento/ofensa, ao contrário, designam uma forma neutra de nomear o referente em pauta. A de caráter neológico, apenas *terça-feira*, representou, portanto, um novo sentido atribuído a essa forma, logo, não dicionarizada pelos dicionários consultados na acepção em que foi usada pelo informante.

De todas as designações registradas para nomear o referente em

questão, *burro* foi a mais produtiva no conjunto do *corpus* analisado¹⁸³, alcançando, portanto, em termos de Brasil, o índice de 47,7%. Tendo em vista a considerável produtividade de designações registradas para nomear o conceito em questão, elencamos as cinco variantes mais produtivas, no âmbito do conjunto das capitais brasileiras. O Gráfico 1, a seguir, ilustra o índice percentual de cada designação, segundo as regiões do Brasil.

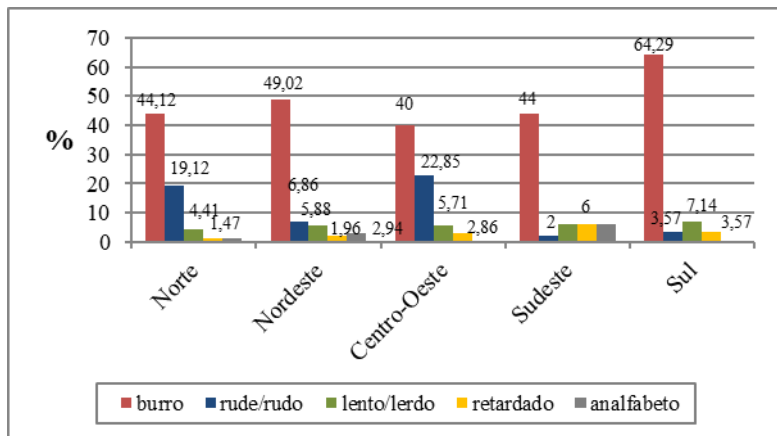


Gráfico 1 – Distribuição percentual das cinco designações mais produtivas para a pessoa “pouco inteligente”, segundo as regiões do Brasil.

Fonte: Benke (2012) – Dados do Projeto ALIB

Nota-se pelo Gráfico 1 que o item lexical *burro* foi mais produtiva na região Sul do Brasil, onde alcançou o percentual de 64,29%, seguido da região Nordeste com 49,02% de ocorrência, do Norte com um índice de 44,12%, do Sudeste com 44% de produtividade e por último, a região Centro-Oeste, onde alcançou 40% de ocorrência. O registro da variante *burro* em todas as regiões brasileiras, a configura como forma padrão para designar a pessoa “pouco inteligente”.

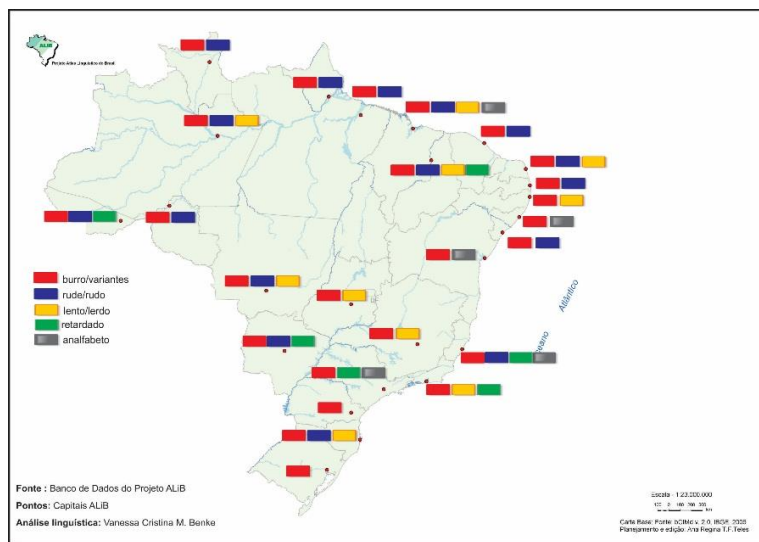
As unidades lexicais *rude* e *rudo*, também documentadas em todas as regiões brasileiras, ocupam o segundo lugar em termos de produtividade nas capitais brasileiras, atingindo o maior percentual na região

¹⁸³ Embora *burro* tenha sido a designação mais produtiva para nomear “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, demonstrou ser de caráter ofensivo e muitos informantes mostraram-se resistentes em proferi-la, como demonstra o excerto da entrevista com uma informante jovem, com Curso Superior, de Belo Horizonte: “Inf.- Não sei o nome pra ela. As pessoas usam como *burra*, mas acho *burra* muito agressivo”.

Centro-Oeste (22,85%). Na sequência, *lento* e *lerdo*, que alcançaram a terceira colocação entre as formas mais produtivas, tiveram a maior incidência na região Sul do Brasil, com o percentual de 7,14%, enquanto na região Norte alcançaram o menor índice, 4,41%. A unidade lexical *retardado*, também documentada em todas as regiões pesquisadas, alcançou, contudo, o maior índice de ocorrência entre os habitantes das capitais do Sudeste. Já *analfabeto* foi documentada apenas no Norte, Nordeste e Sudeste, alcançando o maior percentual de ocorrência nessa última região (6%).

Numa perspectiva diatópica, a Carta Linguística 1, registra as cinco designações mais produtivas distribuídas em cada capital do Brasil.

Carta linguística 1 – Distribuição diatópica das cinco designações mais produtivas para “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”



Fonte: Benke (2012) – Dados do Projeto ALiB

Os dados analisados na Carta Linguística 1 demonstram o predomínio de *burro* em todas as capitais brasileiras. Em Salvador foi fornecida pelos 8 informantes entrevistados, havendo, todavia, a menção de mais de uma resposta, no caso, *analfabeto* – pela informante idosa com baixa escolaridade. As unidades lexicais *rude* e *rudo* também foram documentadas em todas as regiões pesquisadas, ocorrendo no Norte em

das as capitais: Belém, Macapá, Boa Vista, Manaus, Rio Branco e Porto Velho. Já as regiões Sul e Sudeste registraram apenas uma ocorrência para *rude/rudo*, mencionadas, respectivamente, em Florianópolis, pela informante idosa, de baixa escolaridade, e em Vitória, pelo informante idoso, com curso superior.

Já *lento/lerdo* predominou na região Centro-Sul e Nordeste e com apenas uma ocorrência na região Norte (Manaus). A unidade lexical *retardado*, por sua vez, prevaleceu na região Centro-Sul do Brasil, sendo registrada apenas uma ocorrência em cada uma dessas capitais: Campo Grande, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Houve também, para *retardado*, um registro no Acre e outro no Maranhão.

Já *analfabeto*, a designação menos produtiva no conjunto dos dados analisados, foi documentada apenas em capitais litorâneas do Nordeste e do Sudeste. Na primeira região houve uma ocorrência dessa variante em Salvador, em Maceió e em São Luís, enquanto na segunda região foram registradas duas ocorrências em São Paulo e somente uma em Vitória.

Dessas designações que nomeiam a pessoa “pouco inteligente”, *rude/rudo* se destaca por seu registro majoritário na fala dos idosos. O Gráfico 2 apresenta a distribuição percentual dessas variantes, nas capitais do Brasil, segundo a variável idade.

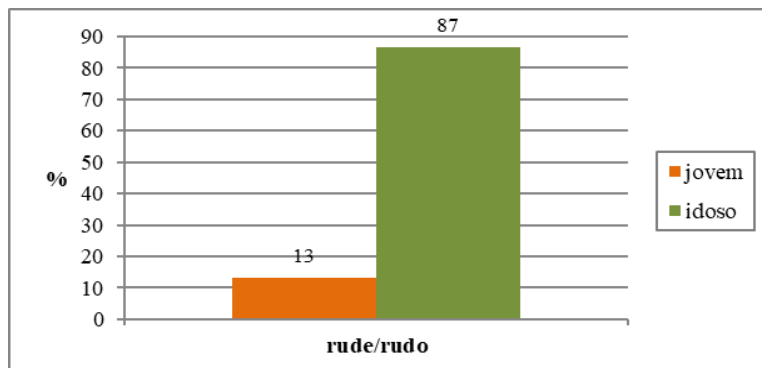
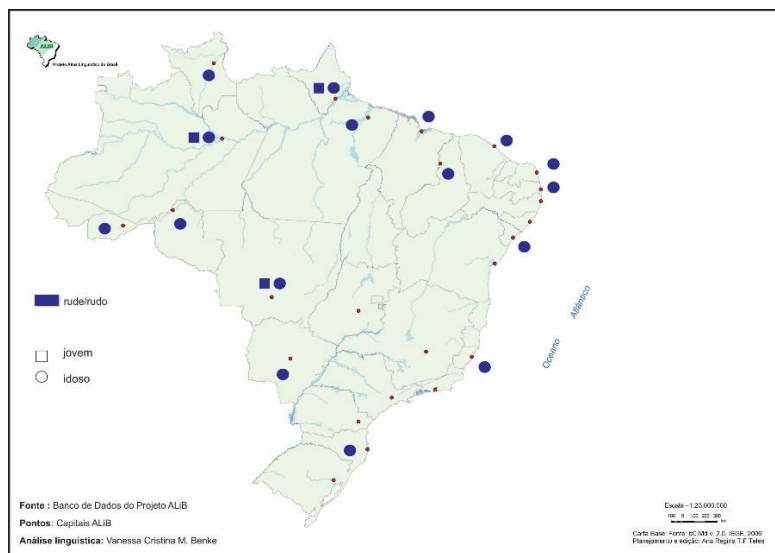


Gráfico 2 – Distribuição percentual das unidades lexicais *rude/rudo* nas capitais do Brasil, segundo a faixa etária. Fonte: Benke (2012) – Dados do Projeto ALiB

Examinando os dados estatísticos expressos pelo Gráfico 2, nota-se que *rude/rudo* predominou na fala dos idosos, alcançando o índice de 86,7%, enquanto o uso dessa variante pelos jovens não apresentou per-

centual significativo, com apenas 13,3% de ocorrência. Esses dados evidenciam um traço de conservadorismo linguístico na fala dos habitantes das capitais brasileiras, apontando, portanto, para uma marca diageracional. Já o seu registro na fala dos jovens, embora não tão significativo em termos percentuais, denota uma tendência à manutenção desse arcaísmo no vocabulário dos habitantes dessas capitais.

Nessa perspectiva, a Carta Linguística 2, a seguir, mapeia a distribuição diatópica de *rude/rudo* segundo a variável “idade”.



Carta Linguística 2 - Distribuição diatópica das designações *rude/rudo*, segundo a faixa etária. Fonte: Benke (2012) – Dados do Projeto ALiB

Os dados expostos na Carta 2 mostram que apenas três capitais brasileiras registraram *rude/rudo* na fala de jovens: Cuiabá, Manaus e Macapá. Já o registro dessa unidade lexical na fala dos idosos pode ter uma explicação de cunho histórico, já que Cuiabá e Manaus, por terem sido as capitais que melhor registraram o uso de *rude/rudo*, representaram, portanto, capitais com traços mais conservadores em termos de vocabulário. Nesse particular, vale recuperar que o atual Estado de Mato Grosso e o Amazonas foram fundados, respectivamente, em 1719 e 1669, configurando-os como localidades antigas do ponto de vista de fundação e ocupação, o que possivelmente, explique o registro de especialmente da forma conservadora *rudo*. O registro de *rude/rudo* em Cuiabá se deve a

uma influência dos bandeirantes paulistas que penetraram o Centro-Oeste, no século XVIII, em busca de zonas auríferas. Já em Manaus, pode-se tratar de uma influência lusa que se manteve no vocabulário dessa capital por questões sócio-históricas.

Numa perspectiva linguística, tendo em vista o expressivo número de nomeações para a “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, para a análise semântico-lexical, serão contempladas as variantes que não tiveram ocorrência única¹⁸⁴: *analfabeto, besta, burro/variantes*¹⁸⁵, *cabeça dura, deficiente, desatento, devagar, ignorante, lento, lerdo, pamonha, problemático, QI baixo, raciocínio lento, retardado, tapado, rude/rude*. Como suportes lexicográficos foram consultados os dicionários de Raphael Bluteau (1712-1728), Antonio de Moraes Silva (1813), Antônio Houaiss (2001), Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) e Antônio Geraldo Cunha (2007).

Para a unidade lexical *analfabeto*, Antônio Houaiss (2001) atribui a acepção, por derivação e extensão de sentido, de “muito ignorante, bronco, de raciocínio difícil”. Com base nessa acepção, o uso de *analfabeto* para designar a pessoa com dificuldades no aprendizado configura-se como uma forma ofensiva. Já para a forma *besta*, Antônio Houaiss (2001) remete o consulente para *burro*, logo, nesse caso, *besta* é considerada uma forma sinonímica de *burro*.

Ao consultar a unidade léxica *burro* em Antônio Geraldo Cunha (2007), observamos a seguinte informação: advém do latim *burrus*, com a seguinte definição: “asno, jumento”; teimoso, estúpido, XIV. Antônio Houaiss (2001) define o mesmo item lexical como “aquele que é falto de inteligência, estúpido, tolo”, classificando-o como de uso pejorativo. Já Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), dentre outras, atribui-lhe a acepção de “indivíduo bronco, curto de inteligência”. Considerando essas acepções, entendemos que *burro* é, pois, uma unidade lexical com carga semântica ofensiva na acepção de “pessoa com dificuldade de aprendiza-

¹⁸⁴ Do total das designações apuradas como respostas para a pergunta 137/QSL, 34 tiveram ocorrência única: *anta, atrasado, broco, débil, cabeçudo, cavalo, déficit cognitivo, despercebido, difícil, displicente, excepcional, energúmeno, ideia fraca, idiota, incompetente, imbecil, jegue, jumento, lesado, leso, limitado, moco, não tem sabedoria, paspalho, problema de aprendizagem, repetente, retardatário, ruim da memória, ruim do juízo, tem dificuldade, tem problema, terça-feira, tonto, tanso*.

¹⁸⁵ O levantamento dos dados para a pergunta 137 registrou as formas *meio burro, burrinho* e *meio burrinho*, das quais foram consideradas como variantes da unidade lexical *burro* para designar o referente em pauta.

gem”, por isso é tida como um tabu, o que ficou evidente no teor das entrevistas, já que grande parte dos entrevistados demonstraram resistência ao pronunciar essa unidade lexical ou ria ao mencioná-la. O trecho da entrevista, a seguir, de um informante idoso de baixa escolaridade, ilustra o exposto:

Inq. – “É? A senhora fala assim: ‘Ah, essa pessoa não tem sabedoria?”

Inf. – É, porque se falá aquela outra palavra eu acho horrível.

Inq. – Não, mas...

Inf. – Chamá de burro... né, analfabeto, né?” (Inf. 4)¹⁸⁶.

Foram apuradas também outras formas, tidas como variantes de burro: *meio burro*, *burrinho* e *meio burrinho*. Essas formas linguísticas são importantes do ponto de vista dos tabus linguísticos, por se configurarem, semanticamente, como eufêmicas.

A forma designativa *cabeça dura* é definida por Antônio Houaiss (2001) como “indivíduo que não tem capacidade de entender ou de aprender; pessoa estúpida sem inteligência ou sem instrução”, enquanto Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) atribui-lhe a acepção de “pessoa rude, estúpida, curta de inteligência”. *Cabeça dura* representa uma forma pejorativa de nomear a “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”. Já a designação *deficiente* é marcada por Antônio Houaiss (2001) com a rubrica da psiquiatria, na acepção de “aquele que sofre ou é portador de algum tipo de deficiência”. Já Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) qualifica deficiente como “pessoa que apresenta deficiência física ou psíquica”.

Desatento, outra nomeação apurada pelo Projeto ALiB, é definida por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira como “que não presta atenção, distraído”. *Desatento* expressa uma forma neutra para designar a pessoa pouco inteligente.

Documentou-se também a unidade léxica *devagar*, definida por Antônio Houaiss (2001) como “com vagar, vagorosamente, sem pressa” que, por sua vez, remete ao processo de aprendizagem da pessoa tida como “pouco inteligente”, ou seja, aquela que raciocina de forma lenta, devagar.

Outra designação apurada pelos pesquisadores do Projeto ALiB

¹⁸⁶ Informante feminina de Porto Velho, 52 anos, com Ensino Fundamental.

foi *ignorante*, definida por Antônio Houaiss (2001) como: “quem não tem conhecimento por não ter estudado, praticado ou experimentado; incompetente, inexperiente”. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) atribui-lhe a acepção de “pessoa que não tem instrução, que não sabe nada”. Os lexicógrafos portugueses também registram acepções semelhantes para *ignorante* – Raphael Bluteau (1712-1728) define o termo como “que não tem letras” e Antônio de Moraes Silva (1813) como “imperito; não sabedor”. Nota-se que o uso de *ignorante* como designativo de “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas” mantém o sentido original desse item lexical (aquele que não tem instrução) e possui uma carga semântica menos ofensiva, quando comparado a *burro*, por exemplo.

Já a unidade lexical *lento*, mencionada como designativo para a pessoa “pouco inteligente”, é definida por Antônio Houaiss (2001) na acepção de: “diz-se de comportamento ou faculdade humana, notadamente de funções ou operações intelectuais, quando não funcionam com prontidão”. Nessa mesma linha de raciocínio apurou-se a variante *lerdo*, definido pelo mesmo lexicógrafo como: “que se move com dificuldade; lento, vagaroso, pesado” (HOUAISS, 2001). O emprego de *lento e lerdo* para denotar a pessoa “pouco inteligente” relaciona-se ao processo mental que funciona de maneira lenta, vagarosa, daí a dificuldade em aprender as coisas. O mesmo se aplica à forma *raciocínio lento*, outra designação apurada pelos pesquisadores do Projeto ALiB para nomear o conceito em pauta.

Outra designação registrada para o referente em pauta foi *pamonha*. O lexicógrafo Antônio Houaiss (2001) a define como “indivíduo mole, sem ação, abobado, preguiçoso, bobo, tolo”, qualificando-a como um regionalismo do Brasil, de uso informal. Considerando ser a *pamonha* um prato típico da região Centro-Oeste, consultamos o *Dicionário do Brasil Central* de Waldomiro Bariani Ortêncio (1983), que define essa unidade léxica como: “pessoa molenga, sem expediente”. O autor esclarece, ainda, que ninguém até hoje sabe dizer porque as pessoas de pouca iniciativa, lerdas ou preguiçosas são chamadas de *pamonha*. Em consulta aos áudios das entrevistas dos informantes que mencionaram *pamonha* não obtivemos nenhuma explicação da motivação do uso dessa unidade léxica quando utilizada para referir-se à pessoa “pouco inteligente”.

Todavia, com base nos dados apurados e nas acepções apresentadas pelos lexicógrafos consultados, levanta-se a hipótese de que o uso de *pamonha* para designar a “pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas” faz alusão à característica da iguaria “*pamonha*”, isto é, sua consis-

tência mole. Assim, a “pessoa pouco inteligente”, é mole, preguiçosa em seu processo de aprendizagem. Logo, *pamonha* quando utilizada para designar esse referente se configura como um recurso metafórico, associada ao sema “mole”.

Outra unidade lexical apurada foi *problemático*, definida por Antônio Houaiss (2001), na acepção “que tem problemas psíquicos; perturbado”. A partir dessa acepção, nota-se que essa designação expressa uma forma neutra de nomear esse conceito.

Outra forma apurada para nomear “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, foi *Q.I baixo*. O verbete Q.I (“quociente de inteligência”) está registrado em Antônio Houaiss (2001) e em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004), como subentrada do verbete “quociente”, assim definido: “proporção entre a inteligência de um indivíduo, determinada de acordo com alguma medida mental, e a inteligência normal ou média para sua idade; coeficiente de inteligência”. Assim, *Q.I*, associado ao sema “baixo”, tem a conotação de deficiência, diminuição do intelecto de determinado indivíduo e, quando empregado para designar o conceito em pauta, remete a insuficiência intelectual que, por sua vez, dificulta o aprendizado. Do ponto de vista semântico, *Q.I baixo* configura-se como uma forma neutra para designar o referente em estudo, além de ser de caráter terminológico, pois pertence a uma área de especialização: a psiquiatria.

Retardado, outra nomeação documentada, é definida por Antônio Houaiss (2001) e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) como “indivíduo cujo desenvolvimento mental é inferior ao índice normal para a sua idade”, um termo da psiquiatria. Essa unidade léxica representa, em termos semânticos, um tabu linguístico, dado o seu caráter ofensivo quando atribuída à pessoa com dificuldade no aprendizado. Nessa mesma linha semântica, foi registrada a designação *tapado*, classificada por Antônio Houaiss (2001) como de sentido figurado e de uso pejorativo, na acepção de “falta de inteligência ou cultura; tolo, ignorante, bronco”. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) também traz a mesma acepção: “estúpido, tolo, bronco, obtuso, ignorante”, classificado com sentido figurativo. Essa designação também se configura como uma forma pejorativa ao designar “a pessoa com dificuldade de aprender as coisas”.

Outra unidade lexical registrada foi *rude/rudo*. As duas obras lexicográficas do português contemporâneo consultadas para esta pesquisa apresentam, no verbete *rudo*, a remissiva para o verbete *rude*, logo, *rudo*

é tomada como variante de *rude*. Antônio Houaiss (2001) informa como primeira datação de *rudo*, o século XIII. A forma *rudo* aparece, inclusive, na estrofe 69, canto V da obra “Os Lusíadas” de Camões:

Sem sair nunca deste povo *rudo*
Sem vermos nunca nova nem sinal
Da desejada parte Oriental.

Para *rude*, Antônio Houaiss (2001) registra a acepção de “falta de inteligência”, enquanto Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2004) atribui-lhe a acepção de “sem instrução”. Raphael Bluteau (1712-1728) e Antônio de Moraes Silva (1813) também registram *rude* como “falta de saber, homem *rude* nas artes, ciências, letras”. *Rude/rudo* são, portanto, formas arcaicas para designar “a pessoa que tem dificuldade em aprender as coisas”, o que as caracterizam, contemporaneamente, como eufêmicas.

O estudo léxico-semântico aqui discutido, permitiu agrupar as designações para a “pessoa pouco inteligente” em duas categorias: “variantes tabuísticas” e “variantes eufêmicas”¹⁸⁷. A primeira refere-se àquelas designações, cujo conteúdo semântico exprime carga semântica pejorativa, enquanto a segunda categoria reúne as designações que não possuem carga semântica ofensiva/tabuística. O Quadro 1, a seguir, ilustra o exposto.

VARIANTES TABUÍSTICAS	VARIANTES EUFÊMICAS
<i>analfabeto, anta, atrasado, besta, burro, cabeça dura, cabeçudo, cavalo, devagar, débil, deficiente, energúmeno, excepcional, ideia fraca, idiota, imbecil, jegue, jumento, lento, lerdo, leso/lesado, moco, pamonha, paspalho, raciocínio lento, repetente, retardado, retardatário, tanso, tapado, terça-feira e tonto</i>	<i>broco, déficit cognitivo, desatento, despercebido, difícil, displicente, ignorante, incompetente, limitado, não tem sabedoria, tem problema de aprendizagem, problemático, Q.I baixo, rude/rudo, ruim da memória, ruim do juízo, tem dificuldade e tem problema.</i>

Quadro 1 – Classificação das designações para a pessoa “pouco inteligente” em tabuísticas e eufêmicas. Fonte: Benke (2012) – Dados do Projeto ALiB

Nota-se, pela visualização dos dados no Quadro 1, que as designações tabuísticas, do ponto de vista semântico, são depreciativas e, em sua maioria, de caráter xingatório. Ao contrário, as eufêmicas têm conotação mais genérica, o que confere um aspecto semântico mais suave.

¹⁸⁷ Para o agrupamento dessas duas categorias foram consideradas todas as designações documentadas para o referente em pauta (inclusive as que obtiveram ocorrência única).

Na sequência, com base nos pressupostos de Rosário Farâni Mansur Guérios (1979), apresentamos os diferentes recursos empregados como substituição do vocábulo *tabu*, no processo de nomeação do referente “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas”, o que confere a esse conceito um caráter tabuístico:

- *arcaísmo: rude/rudo;
- *diminutivo: burrinho, meio burrinho;
- *locução/circunlóquio: ideia fraca, não tem sabedoria;
- *metáfora: anta, jegue, pamonha, terça-feira;
- *termo científico: Q.I, Déficit cognitivo

O uso de diferentes recursos linguísticos, além de configurar um processo substitutivo da forma *tabu*, reflete também, os valores socioculturais do grupo linguístico investigado, particularmente no que respeita ao emprego de nomes de animais num processo metafórico, já que permite identificar a simbolização, nesse particular, “negativa” atribuída pela sociedade aos animais mencionados. Nesse aspecto pôde-se constatar a concepção relativista defendida pela hipótese Sapir-Whorf, que consiste na tese de que a língua reflete a cosmovisão de uma sociedade. Os registros dos recursos metafóricos aqui elencados, corroborou a assertiva de Eugenio Coseriu (1982, p. 69) de que “os tabus linguísticos facilitam a difusão de criações metafóricas, pois as palavras tidas como tabus, ao serem evitadas, são substituídas por empréstimos, eufemismos, circunlóquios, metáforas, antífrases etc.”.

4. Considerações finais

A análise das respostas obtidas para designar a “a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas” mostrou que *burro* integra a norma lexical dos habitantes das capitais brasileiras para nomear esse referente. O conceito atribuído à pergunta em pauta demonstrou tratar-se de um tema *tabu*, haja vista a resistência por parte dos entrevistados, em proferir determinada unidade lexical de caráter tabuístico, sobretudo, quando diz respeito à menção de *burro*. Isso ficou bastante evidente pelo teor dos áudios das entrevistas. Foram bastante recorrentes, também, casos em que o informante mencionou primeiramente respostas mais neutras, do ponto de vista semântico, e só depois, ou ainda, com a insistência do inquiridor, mencionou *burro* – a variante que representou forte carga se-

mântica tabuística.

Em termos diatópicos, constatou-se que o registro de *rude/rudo* foi significativo nas regiões Norte e Centro-Oeste, com maior produtividade em duas de suas capitais: Manaus e Cuiabá, conferindo, portanto, a essas localidades uma tendência conservadora, tendo em vista o uso majoritário no vocabulário dos idosos, o que aponta para um traço diageracional. Todavia, os dados revelaram, ainda, uma tendência de manutenção desse arcaísmo, pelo seu registro também entre os jovens. Além disso, este estudo permitiu identificar o registro de diferentes recursos de substituição das unidades lexicais designativas para a “pessoa pouco inteligente” – diminutivos: *burrinho/meio burrinho*; metáforas: *terça-feira*; arcaísmo: *rude/rudo*, o que comprovou tratar-se de um tema tabu.

Este trabalho ratificou, por fim, a Hipótese Sapir-Whorf, de que a língua reflete a cosmovisão de uma civilização, sobretudo no que se refere às crenças, aos valores, nomeadamente no caso dos tabus linguísticos que afetam, sobretudo, o léxico dos habitantes de um dado espaço geográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A construção do léxico. In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 1994, Caxambu. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. Caxambu, 1994, p. 849-852.

_____. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino*. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 02-2012.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad.: Vera de Costa e Silva et al. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. Trad.: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DOBROVOL'SKII, Dmitrii; PIIRAINEN, Elisabeth. Sobre los símbolos: aspectos cognitivos y culturales del lenguaje figurativo. In: PAMIES BERTRÁN, Antonio; LUQUE DURÁN, Juan de Dios. (Orgs.). *Trabajos de lexicología y fraseología contrastivas*. Granada: Método, 2000, p. 29-54.

ELIA, Silvio. *Sociolinguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. Versão 5.0.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Tabus linguísticos*. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; [Curitiba]: Universidade Federal do Paraná, 1979, vol. 15.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural*. 1996. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

LYONS, John. *Língua(gem) e linguística*. Uma introdução. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

ORTÊNCIO, Waldomiro Bariani. *Dicionário do Brasil Central: subsídios à filologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PROJETO atlas linguístico do Brasil – PROJETO ALiB. Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br>>.

SAPIR, Edward. Língua e ambiente. In: _____. *Linguística como ciência*. Trad.: Joaquim Matos Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. Lisboa:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Typographia Lacerdina, tomos I e II, 1813. Disponível em:
<<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>>. Acesso em: 02-2012.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

ULLMANN, Stephen. *A semântica*. Uma introdução ao estudo do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.